

Cidades Musicais

Comunicação, Territorialidade e Política

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-Rio
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoios:



Cidades Musicais

Comunicação, Territorialidade e Política

Orgs.

Cíntia Sanmartin Fernandes

Micael Herschmann



Editora Sulina

Copyright © Autores, 2018

Capa: Humberto Nunes (sobre arte de Anna Maria Maiolino)

Editoração e projeto gráfico: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Tradutores: Valério Mortara, Aline Martello e Clara Silveira

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

C568

Cidades musicais: comunicação territorialidade e política /
organizado por Cíntia Sanmartin Fernandes e Micael
Herschmann. – Porto Alegre: Sulina, 2018.

455 p.

ISBN: 978-85-205-0812-1

1. Cidades Criativas – Comunicação Social. 2. Cultura – Sociologia. 3. Urbanização – Cidades Musicais. 4. Políticas Públicas – Cidades Musicais. 5. Cartografia – Política Musical. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin. II. Herschmann, Micael.

CDU: 302.23

CDD: 306

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Abril/2018

Sumário

| | |
|---|---|
| Um debate relevante envolvendo <i>ideias fora do lugar?</i> | 7 |
| <i>Cíntia S. Fernandes e Micael Herschmann</i> | |

Parte I

Territorialidades Musicais Urbanas do País

1 – Entre dissidências, táticas e astúcias: muito além da regulação dos espaços urbanos

| | |
|--|----|
| Entre as “conchas vazias” e a potencialidade das dinâmicas criativas urbanas cotidianas na área do porto do Rio de Janeiro | 19 |
| <i>Cíntia S. Fernandes e Micael Herschmann</i> | |

| | |
|--|----|
| Música e conflito na cidade: práticas de escuta, espaço público e violência no Rio | 57 |
| <i>Felipe Trotta</i> | |

| | |
|---|----|
| A lei no bolso: música de rua e luta pelos espaços públicos no Rio de Janeiro | 79 |
| <i>Jhessica Reia</i> | |

2 – Potencialidades e limites das dinâmicas institucionalizadas nas cidades

| | |
|---|-----|
| Políticas públicas para as Cidades Musicais no Brasil: panorama e desafios..... | 109 |
| <i>Leonardo De Marchi</i> | |

| | |
|---|-----|
| Limites das Cidades Musicais: problematizando cidade, território e música | 141 |
| <i>Jeder Silveira Janotti Junior e Victor de Almeida Nobre Pires</i> | |

| | |
|---|-----|
| Liberdades paradoxais nas políticas públicas culturais no “país de Mossoró” | 163 |
| <i>Tobias Queiroz</i> | |

3 – Cartografando cenas e circuitos das urbes

| | |
|---|-----|
| Alternativos, autorais, resistentes: coletivos musicais, festas e espaços de música em São Paulo..... | 191 |
| <i>Simone Luci Pereira</i> | |

| | |
|---|-----|
| Mapa Musical RJ: circuitos, redes e agentes das “cidades musicais” do estado do Rio | 221 |
| <i>Luiza Bittencourt, Daniel Domingues e Simone Pereira de Sá</i> | |

| | |
|--|-----|
| Recife não é Belém, e brega não é tecnobrega | 241 |
| <i>Thiago Soares</i> | |
| A potência da narrativa político-estética do BaianaSystem no Carnaval de Salvador..... | 265 |
| <i>Nadja Vladi</i> | |
| Cenas musicais do rock e da música eletrônica em Porto Alegre: entre a nostalgia e a profissionalização no contexto das indústrias criativas..... | 281 |
| <i>Adriana Amaral</i> | |
| Entre Salvador e o Recôncavo Baiano: disputas valorativas a partir das bandas de rock Cascadura e Escola Pública..... | 293 |
| <i>Jorge Cardoso Filho</i> | |

Parte II

Papel da Música na Ressignificação de Metrôpoles do Mundo Globalizado

1 – Práticas e agenciamentos musicais nas urbes

| | |
|---|-----|
| Urbanização da política musical: cidades e a cultura da noite | 319 |
| <i>Will Straw</i> | |
| Constellation Records: punk, pós-rock e música experimental na angloboemia de Montreal | 341 |
| <i>François Mouillot</i> | |
| Cidades Musicais no Sudeste Mexicano: práticas criativas e agenciamentos culturais | 365 |
| <i>Martín de la Cruz López-Moya</i> | |

2 – Corpos e imaginários musicais urbanos

| | |
|--|-----|
| Dançar sobre as ruínas: o ritmo da cultura eletrônica entre a rua e as redes | 383 |
| <i>Vincenzo Susca</i> | |
| Sons tridimensionais: o corpo urbano na paisagem techno..... | 397 |
| <i>Claudia Attimonelli</i> | |
| Technocities: Detroit, Berlim e diáspora..... | 425 |
| <i>Michele di Stasi</i> | |
| A potência do imaginário em Nápoles: entre músicas e ruas | 435 |
| <i>Fabio de la Rocca</i> | |

| | |
|------------------------|-----|
| Sobre os autores | 449 |
|------------------------|-----|

Um debate relevante envolvendo *ideias fora do lugar?*

Cíntia Sanmartin Fernandes
Micael Herschmann

[...] Que nação é essa do samba, primeira capital brasileira
Que o axé consagrou
Que balança o mundo, que arrasta massa
Na capital da Bahia, na capital da alegria
Tem poeta na praça
Nação de ritmos, do violão brasileiro
Da bossa nova, do samba de roda [...]
Nação de músicos revolucionários
Do rock, do axé, dos sambistas
Dos novos baianos, dos doces bárbaros [...]
Cidade da música, da música
Cidade, cidade, cidade
De São Salvador, de São Salvador
(Trechos da canção *Cidade da Música*, de Daniela Mercury)

A notícia de que a metrópole de Salvador foi agraciada com o título da Unesco na condição de “Cidade da Música” em 2016 teve grande repercussão no país na ocasião. Inúmeros artistas, autoridades e músicos – inclusive, estes últimos cantaram à capela a canção sugestiva *Cidade da Música*, de Daniela Mercury –, que estiveram presentes na reunião da notificação do prêmio, celebraram intensamente o acontecimento. O então prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto resumiu assim o que representou para a capital da Bahia esta distinção:

Salvador foi a primeira cidade lusófona a receber oficialmente o reconhecimento da sua *vocação musical* como elemento de desenvolvimento econômico e social [...]. Esse título certamente trará mais visibilidade e projeção internacional para a cidade [...] a música pode se constituir em um instrumento importante de inclusão social [...]. Uma das principais motivações da prefeitura para inserir Salvador na rede da Unesco foi o fortalecimento das atividades de economia criativa que já são desenvolvidas, ampliando a atratividade da localidade para investimentos nacionais e estrangeiros.¹

Analisando o estardalhaço em torno deste título, poderíamos nos fazer algumas interrogações: por que para as cidades hoje é tão importante serem reconhecidas nacional e internacionalmente como localidades que contêm economias criativas? Será que, de fato, isso pode representar vantagens competitivas significativas para os territórios no mundo globalizado e/ou são estratégias de marketing territorial oportunistas muito em voga na atualidade? E para as populações que habitam estas cidades: este título efetivamente colabora para a inauguração de dinâmicas e políticas públicas locais mais inclusivas (democráticas) que serão capazes, portanto, de colaborar para trazer novos patamares de desenvolvimento sustentável para estas regiões? Estas e outras questões estão de certo modo presentes nas indagações dos autores que participam desta publicação analisando em seus artigos variados estudos de caso que articulam o universo musical urbano.

Esta coletânea reúne especialistas brasileiros e estrangeiros que fazem parte de uma extensa rede de pesquisadores que vem intercambiando regularmente através não só de eventos nacionais (tais como Compós, Intercom e/ou Comúsica) e internacionais (como,

¹ Conferir as seguintes matérias jornalísticas: Magalhães, Chissana. Salvador é Cidade da Música pela Unesco. In: *Espresso das Ilhas*, 8 de junho de 2016 (Disponível em: <<http://www.expressodasilhas.sapo.cv/cultura/item/48943-salvador-da-bahia-e-cidade-da-musica-pela-unesco>>. Acesso em: 10 set. 2017); G1 BA. UNESCO reconhece oficialmente Salvador como Cidade da Música. In: G1, 1º de junho de 2016 (Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/06/unesco-reconhece-oficialmente-salvador-como-cidade-da-musica.html>>. Acesso em: 11 set. 2017).

por exemplo, IASPM e ALAIC), mas também por meio de investigações interinstitucionais de grande relevo – poder-se-iam mencionar os projetos de pesquisa intitulados “Cartografias do Urbano na Cultura Musical e Audiovisual” (que foi coordenado por Simone Pereira de Sá, com apoio PROCAD/Capes); “Cultures of The Urban Night” (que foi coordenado por Will Straw e Jeder Janotti Junior e apoiado pelo Canada-Latin America and Caribbean Research Exchanges); a investigação “Creative Industries, Cities and Popular Music Scenes” (a qual foi coordenada por Adriana Amaral, com apoio da Capes); ou ainda, o projeto “Cartografias Sensíveis das Cidades Musicais” (que está sendo coordenado por Micael Herschmann e Cíntia S. Fernandes) –, os quais vêm priorizando direta e indiretamente, nas suas respectivas agendas de estudos, o binômio Música & Cidade. Esta coletânea, assim como outras organizadas na última década pelos membros desta rede – tais como os volumes intitulados *Rumos da Cultura da Música* (Sá, 2010), *Nas bordas e fora do mainstream musical* (Herschmann, 2011) e *Cenas Musicais* (Janotti Jr. e Sá, 2013) –, dedicou-se a tratar de temáticas desafiadoras e fundamentais, as quais se constituem, de certo modo, em “nós górdios”, os quais vêm dificultando o processo de produção de conhecimento neste campo de estudos.

Como muitos estão cientes, o debate sobre *economias, indústrias e cidades criativas* chegou ao Brasil na década passada, durante a gestão do então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, associado à discussão sobre a relevância da Informação e do Conhecimento na sociedade contemporânea. Sedimentado e aplicado nos anos de 1990 como principal referência para a produção de políticas públicas na Inglaterra (que alcançou alguns resultados expressivos), o fato é que este conjunto de pressupostos e conceitos (muitos deles precários) foi absorvido no Brasil e em outros países de forma muito pouco crítica. De certa forma, seria possível afirmar que as autoridades brasileiras e de diferentes localidades “compraram” um debate neodesenvolvimentista – que passa por inúmeros campos do saber, mas especialmente pela economia, geografia, urbanismo, turismo e sociologia (e que não está,

para variar, muito maturado no campo da comunicação) –, o qual vem propondo novos modelos de incremento socioeconômico (de tom mais ou menos neoliberal, dependendo da região) no globo. Poder-se-ia afirmar que, com a crise dos modelos industriais, a saturação do setor de serviços e o advento da Era Digital, um número cada vez maior de autoridades e tecnocratas – a partir dos anos 1990 – começa a abraçar a ideia de que a alternativa de retomada para construir um contexto de maior prosperidade passaria pela construção de *tramas* ou *clusters* locais inovadores, e que isso geraria vantagens competitivas significativas para os atores e regiões no mundo globalizado. Assim, vão ganhando força noções como *economia da experiência e criativa* por todo mundo e, especialmente, dentro de organismos internacionais de destaque – como, por exemplo, OMC, Unesco e BID – preocupados com as crises mundiais recorrentes. É sempre relevante sublinhar como o uso das novas tecnologias, especialmente a partir da segunda metade dos anos 1990, fez com que a planta da fábrica fosse, de certo modo, “implodida”, e as atividades produtivas começaram a se organizar em rede e pelos territórios (não é à toa que, para alguns autores, a “cidade é considerada a nova fábrica”, é o atual espaço de *articulação e lutas*). O resultado é que a cidade segue ganhando, cada vez mais, uma centralidade e é para lá que migram possíveis projetos coletivos. Não é de admirar também que, nesse mesmo período, dos conceitos iniciais de *economia criativa* se chegasse ao polissêmico conceito de “cidades criativas”.²

Assim, frequentemente, a indagação que, de alguma forma, emerge nos intercâmbios envolvendo os pesquisadores de Música & Cidade (que compõem essa extensa rede) – os quais se deparam com o desafio de tomar este debate sobre *cidades criativas* com a seriedade e o rigor exigidos – é a de que investir nesta discussão seria talvez oferecer mais visibilidade a uma lógica “mimética” e “reducionista”

² Este conceito foi proposto primeiramente por dois arquitetos, Landry e Bianchini, ainda em 1994, mas depois retomado com vários sentidos por inúmeros autores (Landry; Bianchini, 1994; Reis, 2012; Florida, 2002).

que aposta em “receitas de sucesso redentoras”. Isto é, ao trazer à tona um conjunto de “ideias fora do lugar” (Schwarz, 1999) para diferentes contextos específicos, a pergunta que norteia o debate é se, ao se considerar esta discussão e pressupostos, não se estaria avalizando de alguma maneira a aplicação de uma agenda neoliberal e/ou mesmo de um *modelo exógeno*, os quais vêm sendo replicados em distintas cidades do globo.

Apesar desse risco, os estudiosos que participam desta coletânea constataam que esta agenda das cidades criativas já foi assumida por um expressivo número de tecnocratas de diferentes regiões do planeta como uma forma de uma urbe se posicionar e competir pelos investimentos, volumes de recursos e consumo com outras metrópoles na atualidade. Portanto, ao assumir o desafio de pesquisar as *cidades criativas*, busca-se não só tentar garantir que o debate ganhe mais densidade e dimensão crítica (não se restringindo à pauta de gestores públicos e políticos), mas também possibilitar a construção, ainda que de forma precária, de um diálogo necessário entre o meio acadêmico e a sociedade em torno de uma temática de grande relevância e atualidade.

Além disso, muitos pesquisadores mais propositivos questionam se efetivamente não seria possível que as investigações (que vem sendo realizadas) venham a contribuir um pouco para uma possível revisão das políticas públicas em curso, tornando os processos de construção das cidades criativas um pouco mais democráticos e *endógenos*, possibilitando que os atores locais desempenhem um protagonismo maior na resignificação dos territórios, de modo que essas políticas passem a privilegiar diretamente mais a construção ou ampliação do Estado de Bem-Estar Social dos seus habitantes ou mesmo a constituição do “Comum” (Hardt; Negri, 2009).

Música & Cidade

A essa altura o leitor poderia indagar: e as cidades musicais – neste debate das cidades criativas – quando entraram efetivamente em pauta? Ainda que seja difícil precisar, provavelmente ganharam mais visibilidade na década passada. A ideia de lançar mão da música como um significativo “recurso” de *turning point*, o qual poderia dinamizar um determinado território é um argumento cada vez mais presente na literatura especializada, nos discursos de autoridades e lideranças locais.³ Festivais que se territorializaram com grande êxito, como, por exemplo, Lollapalooza (na cidade de Chicago), Reading (em Leeds), Sónar (em Barcelona) e SXSW (em Austin), são com muita frequência mencionados como eventos que beneficiaram de diferentes maneiras algumas metrópoles. Ao mesmo tempo, há que se reconhecer também que a nomenclatura “cidades musicais” ganhou efetivamente mais notoriedade internacional (de fato vem se popularizando) a partir de 2004, quando foi criado esse tipo de selo pela Unesco, para designar as cidades que possuem uma produção musical muito potente no seu território (para localidades que possuiriam supostamente uma “vocalização regional” para música).⁴

³ Alguns especialistas chegam a postular que a organização e realização de eventos, como festivais de música (Bennett et al., 2014; Wynn, 2015), podem vir a se constituir em acontecimentos fundacionais, que agregariam os atores de diferentes segmentos sociais e poderiam alavancar não só o desenvolvimento local, mas também uma “sociabilidade cosmopolita” (e até instaurariam relações mais “interculturais” em um território). Ora, sem discordar inteiramente desta literatura, o que as investigações apresentadas neste volume vêm sinalizando é que isso eventualmente acontece em algumas cidades, mas que há também processos e desdobramentos que vão em outras direções e envolvem processos de exclusão, práticas autoritárias e corrupção, exigindo uma reflexão mais cuidadosa e menos generalizadora.

⁴ A Unesco passou a associar títulos aos territórios desde que essas cidades fossem capazes de comprovar que possuem algum setor criativo dentre os sete que o organismo internacional considera como sendo estratégicos (os setores considerados cruciais são os do artesanato & arte popular, de mídia art, de cinema, de design, de gastronomia, de literatura e de música). Portanto, a Unesco criou a Rede de Cidades Criativas (UCCN) para promover a cooperação entre as cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável. Hoje já existem mais de uma centena de cidades que compõem essa rede e, dessas, temos quase vinte cidades designadas como *musicais*. Dentre essas, estão metrópoles como Bolonha, Glasgow, Sevilha e, desde 2016, a cidade de Salvador (na Bahia). Mais informações ver o seguinte link: <<http://en.unesco.org/creative-cities>>. (Acesso em: 12 out. 2017).

A proposta desenvolvida nesta publicação é a de se inserir nesse debate sobre cidades criativas e musicais, alargando e desdobrando esses argumentos em direção de uma reflexão que contempla também as experiências vividas pelos atores – de forma intensa pelos corpos, em atuações performáticas, sonoras, tácteis e/ou teatralizadas –, e considera o espaço urbano, portanto, como um “lugar amplamente praticado” (De Certeau, 1994). Nesse sentido, no que tange aos artigos reunidos aqui, poder-se-iam resumir da seguinte maneira os pressupostos que orientam os argumentos desenvolvidos pelos pesquisadores (os quais não necessariamente coincidem com a perspectiva da Unesco e/ou dos gestores que apostam na música como “recurso”):⁵ é importante se considerar não apenas se a *cidade é musical* (ou seja, se possui dinâmicas institucionalizadas envolvendo desde o ensino da música, passando pela produção, circulação e consumo da mesma; se historicamente possui uma produção significativa e visível que permitiria afirmar que há uma “vocação local” voltada para esta prática artística; se existem profissionais e/ou equipamentos culturais privados e públicos usados para exibic o desta produc o regional; e/ou as políticas públicas de fomento e apoio a este tipo de atividade), mas também as tramas da *música na cidade* (nas análises é preciso levar em conta também: a produc o espontânea e dinâmicas pouco institucionalizadas; os ecossistemas musicais locais invisíveis presentes no cotidiano; e/ou as práticas musicais minoritárias transgressivas, que incomodam e que são até proibidas, as quais desafiam as práticas regulatórias da urbe).

Portanto, há um empenho nos artigos apresentados pelos autores de analisar não são o universo institucionalizado e mais visível (contemplado ou não por políticas públicas), mas também tratar em alguma medida das dinâmicas das territorialidades (musicais) urbanas, quase invisíveis e mais espontâneas, que gravitam em torno da música (e de g neros musicais) e constroem imaginários relevantes *nas e das cidades*, alterando ritmos e o cotidiano dos atores, constituindo-se

⁵ Y dice, 2005.

muitas vezes em “cenas” e “circuitos culturais” (Janotti Jr.; Pereira de Sá, 2013) de grande capacidade de mobilização social. Nesse sentido, buscando dar conta desse desafio, muitos dos artigos reunidos neste volume constroem cartografias – tangíveis, sensíveis e/ou das “controvérsias” (Latour, 2012) – das cidades estudadas, identificando assim (com o emprego dessa epistemologia), nessa experiência musical vivida no cotidiano pelos atores, um vetor “político” significativo, o que alguns autores reconheceram como a presença difusa e relevante de uma “ética da estética” (Maffesoli, 2009; Rancière, 2009) de diversos grupos (organizados ou não em coletivos e/ou redes sociais) e, muitas vezes, práticas mesmo de um “ativismo” (Herschmann; Fernandes, 2014).

Sem a pretensão, evidentemente, de esgotar a discussão em torno de um conjunto de tópicos tão abrangentes e complexos, os autores desta coletânea esperam proporcionar ao leitor importantes referências conceituais e empíricas para que se possa compreender melhor a relevância e as dinâmicas promovidas pelas articulações e tensões entre Música & Cidade – em seus múltiplos aspectos socioeconômicos, políticos e culturais – no mundo atual.

Referências

BENNETT, Andy et al. (eds.) *Festivalization of Culture*. New York: Routledge, 2014.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FLORIDA, Richard. *The rise of the creative class*. New York: Basic Books, 2002.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Commonwealth*. Massachusetts: Harvard University Press, 2009.

HERSCHMANN, Micael (org). *Nas bordas e fora do mainstream musical*. São Paulo: Letras e Cores, 2011.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. *Música nas ruas do Rio de Janeiro*. São Paulo: Ed. Intercom, 2014.

JANOTTI JR., J.; PEREIRA DE SÁ, S. (orgs.) *Cenas Musicais*. São Paulo: Anadarco, 2013.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco. *The Creative City*. London: Comedia, 1994.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *O mistério da conjunção*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

REIS, Ana Carla. *Cidades Criativas*. São Paulo: SESI-SP, 2012.

SÁ, Simone Pereira de (org.). *Rumos da Cultura da Música*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SCHWARZ, Roberto. *Ideias fora do lugar*. In: *Cultura e Política*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

WYNN, Jonathan. *Music/City*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.